

O saber operário e a minha avó

Isabella Maio

[Assistente Social. Doutoranda em Saúde Pública - Ensp/Fiocruz]

Esses dias tenho lembrado muito de minha avó. Dona Delva era uma mulher nordestina forte, a quem a vida ensinou muito.

Trabalhou desde muito cedo nas lavouras de algodão em Itabaiana (PB) junto de sua mãe Luísa, de descendência indígena.

Vovó contava que sua mãe também era uma curandeira local. Fazia remédio com ervas para cuidar dos doentes e feridos e, sobretudo, fazia todos os partos da cidade. Minha avó sempre a seguia “nas missões”, como ela gostava de dizer, e aos poucos aprendeu o ofício.

Segundo vovó, sua mãe morreu jovem de causas desconhecidas e ela, sem ter para onde ir, foi morar com a madrinha na capital.

Em João Pessoa, fez curso de enfermagem e trabalhou alguns anos na sala de parto de um grande hospital.

Pouco tempo depois se casou com meu avô e, como de praxe na época, o homem deveria ser o único provedor da casa.

Por esse motivo deixou de lado sua paixão pela enfermagem, mas nunca pôde apagá-la em definitivo.

Já no Rio de Janeiro, mesmo sem trabalhar oficialmente, vovó tinha em sua casa uma pequena malinha com instrumentos.

Veza ou outra um vizinho pedia para aplicar uma injeção ou algum chá para melhorar do estômago. Vovó fez e auxiliou muitos partos na comunidade Nova Brasília, que hoje faz parte do Complexo do Alemão, em um tempo em que assistência à saúde era para poucos,

como podemos observar no importante resgate histórico sobre o SUS feito pelo Fadel nos últimos meses.

Vovó nunca cobrou nenhum centavo aos que ajudava. Hoje vejo que ela foi a minha primeira professora de Direitos Humanos.

Mas não parou por aí, porque vovó me ensinou também o que era o saber operário em um episódio específico da minha infância.

Certa vez, um tio de meu pai nos convidou para passar um final de semana em seu sítio em Miguel Pereira, interior do Rio de Janeiro.

Tio Fernando era um português muito elegante que amava cozinhar e fazer grandes recepções em sua casa. Nessa ocasião fomos eu, meus pais e minha avó. Depois do almoço, tio Fernando nos levou para ver os bichinhos do sítio. Eu, como qualquer criança, fiquei completamente encantada. Até chegarmos no celeiro das cabras, onde uma cabra tentava dar à luz ao cabritinho em seu ventre.

Tio Fernando desfez o sorriso e explicou que a cabra estava há dias tentando dar à luz e que não conseguia,

já estava se conformando que perderia os seus bichinhos.

Vovó nada disse, só chegou perto da cabra apalpando sua barriga. A bichinha mal se movia de cansaço e dor. Poucos minutos depois ela lavou as mãos e pediu dois sacos grandes e limpos para usar como luvas. Meus pais ficaram em completo estado de choque.

Lembro claramente de minha mãe chamar minha avó de lado e perguntar: “Mãe, a senhora sabe realmente o que está fazendo?” e dela prontamente respondendo “Oxente! É claro que sei!”. Assim vovó colocou as grandes luvas e se virou para a cabra.

Aos poucos, girava o cabritinho dentro da barriga de sua mãe, o colocando numa posição possível para o parto finalmente acontecer.

Devagarinho, foi puxando a perna do bichinho e no final ele estava lá! Já em pé, serelepe e sua mãe respirando aliviada.

Tio Fernando ficou tão contente que abraçou a minha avó que a essa altura estava toda suja de sangue.

Ele ficou tão agradecido que todas as vezes que nos encontrava contava como o cabritinho estava crescendo e novamente pedia para agradecermos minha avó por ter salvado seus bichinhos.

Vovó me ensinou sobre saber operário ali, naquele momento, muito antes da Saúde do Trabalhador entrar na minha vida.

Ela fez isso sem nunca ter lido um artigo científico e sem ela mesma saber ou conhecer o que era Saúde do Trabalhador.

Hoje ela caminha no meu coração, nos meus pensamentos e vez ou outra sopra no meu ouvido que estou no caminho certo...

Obrigada vovó! Por tudo e por tanto!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.